**GARIMPOS DE DIAMANTE NO PARANÁ – ASPECTOS CULTURAIS E GEODIVERSIDADE**

**Introdução**

Pesquisas sobre o Patrimônio de Mineração são extremamente raras no Brasil, mas em vários países apresentam grande destaque com relação à cultura e ao turismo. Considerando a vocação mineral brasileira desde o Ciclo do Ouro no século XVIII, levantamentos neste sentido levam ao entendimento que a população deve ter a respeito da mineração para compreender o processo desencadeado nesse período como transformador da sociedade. A extração de diamantes no Brasil teve seu ápice entre os anos de 1725 e 1845, quando o país foi considerado o maior produtor do mundo de diamantes. A ansiedade por se encontrar depósitos de minerais preciosos nos dois primeiros séculos de existência oficial do Brasil desencadeou os primeiros movimentos de ocupação territorial. A região correspondente ao atual estado do Paraná, florescente nessa época, mergulhou no esquecimento, uma vez que a descoberta e produção do ouro em Minas Gerais mostraram-se muito mais relevantes. Esse fato movimentou grandes contingentes da população e condenou alguns povoados do Paraná ao abandono por várias décadas até um novo ciclo econômico, com a vinda dos tropeiros (LICCARDO et. al., 2012).

As regiões ao longo do rio Tibagi tiveram forte influência nesse período devido à grande concentração de diamantes, contribuindo para a economia da época e ainda hoje sendo palco de intensas disputas pelo poder. Com a instauração de pesquisas e menções à cidade de Tibagi como o centro da extração de diamantes no Paraná, o conhecimento a respeito dos garimpos em outros municípios, como Telêmaco Borba, Tomazina, Jaguariaíva ou Porto Amazonas foram ofuscados. Este trabalho visa resgatar alguns aspectos deste histórico da mineração no Paraná.

**Objetivos**

Entre os escopos deste trabalho estão a investigação de um passado ligado aos garimpos no estado do Paraná e a compreensão de sua relevância histórica no contexto cultural destas regiões. O conjunto de dados pode apontar um patrimônio intangível, que, eventualmente, pode receber ações para sua preservação ou manutenção.

Registrar parte das impressões obtidas por meio de relatos orais e correlacioná-las com a geografia dos municípios também faz parte dos objetivos. Assim, o trabalho busca concentrar as informações já existentes e apresentá-las e dar continuidade a esse processo para que outros questionamentos possam ser respondidos.

**Metodologia**

Para esta pesquisa exploratória realizou-se trabalho em campo, visitando o Museu do Garimpo em Tibagi, procedeu-se a entrevistas com garimpeiros e pessoas ligadas à extração de diamante em Tibagi e Jaguariaíva, além do agendamento de outras entrevistas com garimpeiros em Telêmaco Borba, realizando perguntas abertas para coleta de informações sobre o cotidiano no garimpo, modo de trabalho, imaginário e pedras extraídas, assim como foram feitos registros fotográficos, filmagens e levantamento bibliográfico.

**Discussão e Resultados**

A região de Tibagi, no centro-leste do Paraná, é uma das mais antigas áreas de extração de diamantes e ouro do Brasil e sofreu fortes influências sociais em função desta atividade e dos altos e baixos da produção ao longo de 260 anos (LICCARDO et al. 2012). Os rios e córregos da bacia do Tibagi despertaram interesse para a busca de ouro e diamante já na primeira metade do século XVIII. Ao passar pela região em 1820, Saint-Hilaire já mencionava em seus diários a existência de contrabandistas e cogitou que o diamante já poderia ser conhecido dos primeiros bandeirantes, no século XVI. Documentos levantados por historiadores indicam a descoberta de diamante em afluentes do rio Tibagi no ano de 1754, há 260 anos, portanto (LOPES, 2002).

Derby (1878), ao descrever geologicamente a região diamantífera do Paraná menciona relatos de diamante encontrado no Rio das Cinzas, mas que foi o Rio Tibagi que se destacou na extração deste mineral.

As pedras preciosas aparecem junto às areias do rio, nos numerosos caldeirões e em bancos de cascalho, retirada conhecida como lavra seca, a uma elevação maior ou menor acima do rio e a procura do garimpeiro não é somente atrás do diamante, mas também do ouro (BARBOSA, 1983).

A atividade de busca de minérios representa um importante papel na história do Brasil, se nem sempre econômico, contudo de extrema relevância social e cultural. A exploração mineral em conjunto com as práticas culturais refletem características singulares do lugar de ocorrência. Este é um denominador comum para vários municípios dos Campos Gerais, como Tibagi, Telêmaco Borba, Jaguariaíva, Porto Amazonas, Tomazina e Ortigueira, todos com registros de ocorrência de diamante em seus rios e com presença de garimpeiros no passado, ou ainda no presente.

Como possibilidade de patrimônio cultural intangível estão compreendidas a utilização dos recursos naturais para os mais variados fins e as práticas cotidianas relacionadas ao modo de vida, organizado no que se pode chamar de experiências vividas. Por não se tratar, em princípio, de uma economia rentável para os municípios, com exceção de Tibagi, muitos dos garimpos na região dos Campos Gerais ocorreram/ocorrem de maneira clandestina sem maiores investimentos e sem registros escritos.

Nos municípios de Telêmaco Borba e Ortigueira algumas famílias que herdaram práticas de antigos garimpeiros, trabalham de forma manual em períodos de baixa do Rio Tibagi, fazendo uso de peneiras e dragas. A construção da Usina Hidrelétrica de Mauá modificou a vida dos poucos trabalhos e investimentos que ainda eram feitos na região. A inundação de diversas áreas de vegetação alterou a paisagem e antecipou inevitavelmente a possível extinção dos garimpos, ameaçando ocorrer o fim de uma trajetória centenária da prática do garimpo na área diretamente afetada.

Em Jaguariaíva constatou-se que o período mais importante do garimpo ocorreu entre 1944 e 1980, caracterizando-se como mineração artesanal, de pequeno porte, realizada por poucas pessoas, ‘*não ultrapassando dez por serviço, eram lavrados nos fins de semana, quando passavam o dia à procura de diamantes*’, conforme relatos.

Dentre os instrumentos utilizados a bateia - usada para lavar o cascalho - concha - para coleta do mesmo - um balde e uma pá. Foi somente após a década de 1980 que os poucos garimpeiros que restaram passaram a utilizar a draga e a carretilha. A lavagem do cascalho era realizada nas caldeiras ou nas marmitas e também na lavra seca. No fundo destas marmitas era possível encontrarem-se diversos minerais mais densos, entre eles ouro e diamante. Diamantes grandes são extremamente raros e, na maior parte dos casos, o tamanho pequeno das pedras limita os ganhos. Possivelmente esta é uma das causas para que nunca tenha havido um ciclo econômico forte do diamante no Paraná, já que pedras pequenas não justificam a implantação de grandes mineradoras, mas mantém vivo o interesse pelo garimpo.

Em Porto Amazonas, moradores mais antigos comentam a existência de garimpos na década de 1940, mas atualmente não há nenhum resquício desta atividade, a não ser na memória coletiva de uma geração. Em Tomazina, que também teve um fluxo maior de garimpeiros na década de 1940, esta atividade de busca ao diamante está ligada intrinsecamente à geografia urbana do município. O rio das Cinzas corta o município em seu centro urbano e a atividade de garimpo se assemelha à pesca amadora, ou seja, trabalhadores de outras atividades buscam a sorte no rio em fins de semana, sem a constância de trabalhos planejados e sem expectativas muito altas. Em uma das entrevistas, no entanto, um garimpeiro de fim de semana relatou que encontrou um diamante de grande tamanho: 7 ct, tendo em vista que a partir de 1 ct um diamante já é considerado de bom tamanho. A descoberta modificou profundamente a economia e o estilo de vida familiar. Além disso, casos como este mantêm aceso o interesse pela garimpagem, mesmo que como atividade secundária.

A importância da extração de diamante e sua história são preservadas no Museu do Garimpo, no município de Tibagi, que retrata a vida do garimpeiro, o modo de trabalho e as ferramentas utilizadas, expondo também os minerais pesados encontrados junto ao diamante, e uma pequena pedra cobiçada, o próprio diamante. Quanto à memória dos garimpeiros entrevistados percebeu-se a ligação dos mesmos com a atividade garimpeira, no modo de falar utilizando linguajar próprio como ‘*cardeiras, parmo de fundura, cascaio*’, além de “causos” e mitos envoltos na atividade: ‘*se num manda pra frente num acha mais diamante*’; ‘*se a cobra arrodiá o cascaio pode sabe, ali tem diamantinho, logo aparece!*’. Esse vocabulário declara a cultura presente no âmbito do trabalho que envolve os garimpos, modificando termos como as aberturas presentes no leito do rio que formam espécie de "caldeiras", as quais concentram sedimentos e possíveis diamantes, bem como termos que indicam profundidade, movimentação das dragas (tipo de embarcação utilizada na extração dos minerais) e também frases que indicam a ocorrência de diamantes ao longo do rio. A extração do diamante não lhes trouxe fortuna, mas certamente é um marco em suas vidas e de suas famílias e é uma grande contribuição para a história, trazendo a tradição do garimpo até o século XXI. Assim, a geodiversidade e cultura tornam-se presentes à medida que a história de extração de diamantes sobrevive ao longo dos anos, relatando transformações, costumes, falas, brigas de poder, além de possibilidades – mesmo que poucas – de acúmulo de riqueza instantânea. A preservação dessa identidade é importante pois seu potencial transformador é inegável.

**Conclusão**

Este trabalho que consistiu em um levantamento preliminar em algumas cidades do Paraná, que tiveram contato com atividade garimpeira, revelou um conteúdo cultural intenso relacionado com a extração mineral.

O trabalho dos garimpeiros beira o esquecimento à medida que novas políticas econômicas são implementadas. Não obstante, os garimpeiros perseveram na tentativa de manter o trabalho, ainda que secundário, em meio às divergências legais do Estado, que combatem as irregularidades na extração, principalmente quanto aos impactos ambientais.

A articulação entre exploração mineral e as práticas culturais reflete as características singulares ao lugar de ocorrência. Este reflexo é mais forte conforme a intensidade de garimpagem no passado ou no presente. Neste caso, Tibagi e Telêmaco Borba apresentam muitos relatos importantes, enquanto que Jaguariaíva, Tomazina e Porto Amazonas mostram sinais de extinção desta memória, à medida que a geração mais velha, que presenciou a garimpagem de algumas décadas, venha a falecer.

São 260 anos de história de extração de diamantes no Paraná, e o conjunto de informações que cercam esta atividade merece ser mais investigado. Atividades cotidianas, expressões e folclore da região estão permeados com a cultura dos garimpos. Estes dados, materializados no meio físico dos rios destes municípios, nas ferramentas, museu, diamantes e outros minerais preservados, ou intangíveis como o folclore, as expressões idiomáticas e histórias, apontam a existência de um patrimônio cultural que, sem maiores registros e pesquisas, corre risco de completa extinção em poucos anos.

**Referências**

BARBOSA, Otávio. **Diamante no Brasil – ocorrência, prospecção e lavra.** In: CPRM. Subsídios técnicos para desenvolvimento da mineração. Rio de Janeiro. Diretoria da Área de Pesquisa (Série Diamante n. 1), 69p. 1983.

DERBY, Orville. **A Geologia da Região Diamantífera da Província do Paraná.** Arch. Mus. Nac., 3:89-98, Rio de Janeiro. 1878.

LICCARDO, Antonio; BARBOSA, Tiago Augusto; HORNES, Karin Linete. **Diamante de Tibagi no Paraná - Patrimônio Geológico-Mineiro e Cultural.** Anuário do Instituto de Geociências UFRJ. Vol. 35 – 1, 2012, p. 142-151.

LOPES, José Veiga. **Introdução à História de Tibagi.** Acad. Paranaense de Letras, 2002.198 pp.